

Eventos | Agenda | Portfólio | Responsabilidade social | Associações | SAC | Área restrita



Buscar no site



NOTÍCIAS

2 de Fevereiro de 2009

02/02/2009 - 16:32hs
Décio Freire é DESTAQUE 2008 na advocacia

02/02/2009 - 16:32hs
Um dos maiores economistas do País, o Professor Marcelo Neri concedeu entrevista EXCLUSIVA para o Sub Judge, na qual analisa o momento econômico mundial e a situação do Brasil.

02/02/2009 - 09:14hs
Advogada Fernanda Couto diz que recibos são importantes

22/01/2009 - 10:06hs
VALOR ECONÔMICO destaca: Escritórios de advocacia já se voltam às demandas da crise

22/01/2009 - 09:59hs
VALOR :Fisco facilita restituição de contribuições à Previdência

22/01/2009 - 09:56hs
Tributação de empresas provedoras de sistema VoIP chega ao Judiciário

DÉCIO FREIRE & ASSOCIADOS



NOTÍCIAS

Principal

Institucional

Unidades

Áreas de atuação

Advogados

Envio de currículos

Subjudge

Um dos maiores economistas do País, o Professor Marcelo Neri concedeu entrevista EXCLUSIVA para o Sub Judge, na qual analisa o momento econômico mundial e a situação do Brasil.

02/02/2009
16:32hs



MARCELO CORTES NERI

EDIÇÃO ESPECIAL
Entrevista Inédita para o SUB JUDGE
MARCELO CORTES NERI

45 anos, economista brasileiro, Chefe do Centro de Pesquisas Sociais da Fundação Getulio Vargas. Doutor pela Universidade de Princeton (Estados Unidos), é especialista em relações no mercado de trabalho, política de salários, políticas sociais e distribuição de renda. É autor de várias obras, tais como: "Retratos da Deficiência", "Cobertura Previdenciária: Diagnóstico e Propostas" e "Ensaio sociais"

Subjudge: Prof. Neri, em recente estudo do Centro de Políticas Sociais da FGV foi constatado o novo perfil da Classe Média brasileira, que seria a "Classe C" no gráfico. Quais foram as principais conclusões do estudo?

Entrevistado: A nossa nova pesquisa mostra a emergência da nova classe média como um fenômeno nacional. Antes do plano Real a mesma atingia menos de um terço da população brasileira: 30,9% em 1993, passa a 36,5% em 1995 (e também em 2003), chegando a 47,1% em 2007. No nosso primeiro estudo, a classe média atingia 51,89% da população nas seis principais regiões metropolitanas em abril de 2008, tendo crescido 6,2% no último ano e 22% nos últimos 4 anos. No segundo estudo, o primeiro com os microdados a última PNAD do IBGE, a Nova Classe Média atingia 47,1% da população brasileira em outubro de 2007, data da pesquisa que acabou de sair do forno. Nas metrópoles brasileiras a nova classe média era 50,4%. Ao projetarmos o crescimento de 6,2% dos últimos 12 meses da primeira pesquisa com a abrangência nacional da segunda pesquisa, temos que 50% da população brasileira está agora na Nova Classe Média. A sociedade brasileira estaria hoje dividida em meia Belíndia e meia nova classe média. Daqui a um ano quando os resultados da PNAD 2008 que acabou de sair do campo forem públicos poderemos tirar a prova da pizza.

O termo Belíndia se adapta bem ao Brasil, pois o pequeno país rico representando a nossa elite - isto é a Bélgica - é predominantemente católico. Nossa elite é capitalista, é verdade, mas realizamos um capitalismo com culpa de acumulação de capital e enriquecimento. Uma elite que, por outro lado, não gosta de ver a desigualdade existente espelhada nos números.

Subjude: Aproveitando-se do atual momento econômico e diante dos estudos acompanhados pelo sr., estaríamos mesmo, mais preparados para enfrentar a crise "do que qualquer país do mundo", conforme manifestado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em tom bastante otimista, ou isso teria efeitos no atual boom da classe média brasileira?

Entrevistado: O boom na classe C é refletido no crescimento exagerado do consumo: casa, carro, computador, crédito e carteira de trabalho estavam há pouco em seus níveis recordes históricos. A questão agora é com a crise Made in USA: até quando? O nosso mercado interno, simbolizado pela nova classe média, será fundamental na fase recessiva que a bússola de 99 entre 100 economistas aponta. Como favorecer hoje o investimento, a acumulação de capital e a produção dos segmentos mais pobres? Olhando para a demanda agregada há algumas partes mais e outras menos interessantes do ponto de vista de eficiência e de equidade, na perspectiva de curto, e de longo prazos.

Como dizia Keynes entre a taça e os lábios há vários percalços. Dependendo do cenário creditício, o copo de demanda a ser tragado nos mercados reais, estará meio cheio, ou meio vazio. Há que se reverter a contração de crédito não só rápida mas sabiamente a fim de se evitar a ressaca futura do cenário recessivo presente. O costume de se falar mais de falhas de política do que de mercado, deverá dar lugar a escolhas públicas que levem o crédito mais para áreas de financiamento de investimentos produtivos mais estranguladas mas que deixem impactos sociais de prazo mais longo. O Brasil dispõe de seu Grameen Bank, representado pelo programa CrediAmigo que atua hoje ainda só no nordeste mas detém fatia de mais de dois terços do mercado nacional de microcrédito. O programa tem a lógica privada mas é gerido por um banco público o Banco do Nordeste sem subsídio. Para aqueles que acreditam que o microcrédito é - ou deve ser pelo livro de receitas - privado, o CrediAmigo acabou de ser premiado como a melhor experiência de microcrédito regulado do continente americano pelo BID. Sinal da nova estação keynesiana.

Subjude: O crescimento de nosso mercado interno de consumo poderia ser entendido como uma ferramenta para debelar a crise americana no Brasil? Quais seriam as atitudes que deveriam ser adotadas para isso?

Entrevistado: O Brasil vem trilhando o que se pode chamar o caminho do meio, nem tanto ao Estado, nem tanto ao mercado, combinamos programas sociais com respeito às regras do mercado, com um governo grande, guloso e generoso mas sem ímpeto reformista. Como consequência, o país não apresentava a agilidade e a velocidade do crescimento dos tigres asiáticos, mas mais as características de um país-baleia com movimentos mais lentos. Uma baleia que por ter ficado encailhada durante as duas décadas perdidas, e por ter desencilhado apenas após 2004 goza de certa relutância das autoridades brasileiras para que não se perca o momento de expansão. Mesmo após o agravamento da crise internacional todas as declarações das autoridades no Brasil tem sido no sentido de não perder a inércia que como dissemos passou incólume aos mais de um ano de crise internacional que se avizinhava. As reservas externas brasileiras funcionam como uma gordura a mais que pode ser queimada.

Fora a pujança do mercado consumidor interno e das reservas internacionais, e do teimoso otimismo oficial, há outros fatores amortecedores dos impactos da crise externa no Brasil além do impacto da classe média. Apesar da abertura externa crescente e do crescimento do crédito recentes o Brasil ainda se encontra pouco vulnerável a estes canais de transmissão pois ainda somos uma economia relativamente fechada e regulada financeiramente. Ou seja, o que era inépcia na fase de ouro mundial, passa se tornar virtude em tempos magros.

Subjude: Com a eleição de Barack Obama o cenário da crise se altera?

Entrevistado: Sim, havia uma clara falha de liderança americana não só a nível substantivos das políticas adotadas (déficits externos e internos crescentes etc, falta de regulamentação financeira apropriada etc), mas a nível simbólico. O grau de rejeição das pessoas de outros países em relação aos EUA aumentou muito devido ao tipo de reação que tiveram em relação ao ataque de 11 de Setembro. Neste sentido, a troca de Bush por Obama representa um grande passo nesta direção. É impressionante a capacidade de reinvenção dos EUA representado pelo novo presidente eleito, cujo nome lembra os dois maiores inimigos americanos Osama e Hussein (de Saddam). o nome de seu vice Biden é uma contração perfeita de Bin Laden. Os EUA fizeram uma verdadeira terapia de choque psicossocial.

Subjude: Seria equivocado dizer que a crise do capitalismo, que tem como premissa o livre mercado, está sendo gerada por excesso de desregulamentação pelo Estado, desde 1989 com o fim do socialismo soviético?

Entrevistado: Sim, esta crise mostra mais falhas de mercado do que de políticas. O laissez-faire não corresponde neste caso ao savoir-faire. O antes idolatrado Alan Greenspan, ex-presidente do FED, fã incondicional da desregulamentação americana prestou um grande serviço ao mundo. Um dos fatos que mais me tranquiliza é que o presidente do FED Ben Bernanke conhece, melhor do que qualquer pessoa que eu conheça, o gravíssimo problema que os EUA e o Mundo enfrentam. Ben foi meu professor durante o doutorado, segundo leitor de minha tese de doutorado, além de ter sido um dos meus dois melhores professores que já tive, é uma pessoa excepcional. O estudo do canal de crédito para explicar a profundidade e extensão da Grande Depressão americana de 1929, é a sua contribuição mais relevante. As falhas do presidente do FED em 1929 que ele tanto estudou certamente o assombram durante o sono, Ben tem formação de graduação de História. É a pessoa certa no lugar certo acompanhando Obama pelo menos no começo de mandato.

MARCELO CORTES NERI

SÃO PAULO - SP | RIO DE JANEIRO - RJ | BELO HORIZONTE - MG | BRASÍLIA - DF | VITÓRIA - ES | RECIFE - PE | SALVADOR - BA | JUIZ DE FORA - MG
UBERLÂNDIA - MG | VARGINHA - MG | GOVERNADOR VALADARES - MG | WASHINGTON-DC